

Revista ENSAIOS TEOLÓGICOS

Online ISSN 2447-4878

doi.org/10.58855/2447-4878.v9.n1.004



Ensaio Teológico está licenciada com uma Licença Creative Commons
Atribuição - Não Comercial - Sem Derivações - 4.0 Internacional

CONCEITOS E DEFINIÇÕES DO DISCIPULADO INTENCIONAL E DA SUA PRÁTICA NO CONTEXTO CELULAR DA IGREJA LOCAL

Concepts and definitions of intentional discipleship and its practice in the
cellular context of the local church

Sérgio Freitas¹

RESUMO

O artigo explora o conceito e as definições do discipulado, destacando sua intencionalidade em influenciar a vida das pessoas por meio dos relacionamentos. A questão norteadora apresenta a seguinte problemática: de que maneira o discipulado pode ser desenvolvido no contexto eclesial por intermédio de uma perspectiva intencional? Para que se possa produzir os argumentos, elegeu-se a pesquisa do tipo bibliográfico e descritivo, a partir da abordagem qualitativa. Descreveu-se o sentido do discipulado e sua correlação com a Grande Comissão. Ainda, é exposto o alerta diante da não observância de fazer discípulos, visto que tal missão guarda correspondência com o seguir ou não a Cristo. Conclui-se que o discipulado é de suma relevância para o processo de crescimento e desenvolvimento do reino, portanto, é preciso efetivá-lo para que a verdade do evangelho seja conhecida e nesse ato conduza ao arrependimento e a nova vida com Cristo.

Palavras-chave: Discipulado. Perspectiva intencional. Contexto eclesial.

ABSTRACT

This article explores the concept and the definitions of discipleship, highlighting its intentionality in influencing people's lives through relationships. The guiding question presents the following problem: in which way can discipleship be developed in the

¹ Mestre em Ministérios da Carolina University. Pastor da Church of the City em New Jersey. Bacharel em Teologia pelo Seminário Teológico Batista do Estado do Espírito Santo. Bacharel em Psicologia pela FAESA. ORCID: <https://orcid.org/0009-0004-7502-6181>. E-mail: sergio.pimentel.freitas@gmail.com

ecclesiastical context through an intentional perspective? In order to elaborate the arguments, a bibliographical and descriptive research was chosen, based on a qualitative approach. The meaning of discipleship and its correlation with the Great Commission were described. In addition, the warning against not making disciples is exposed, since this mission corresponds to following or not following Christ. It concludes that discipleship is of the greatest importance for the process of growth and development of the kingdom, therefore, it must be carried out for the truth of the gospel to be known and for this act to lead to repentance and a new life with Christ.

Keywords: Discipleship. Intentional Perspective. Ecclesiastical Context.

INTRODUÇÃO

A proposta do artigo visa explorar o conceito e as definições do discipulado histórico, destacando sua intencionalidade em influenciar a vida das pessoas através dos relacionamentos. Dentro do contexto de uma igreja em célula, este capítulo busca demonstrar como o discipulado pode ser colocado em prática, levando em consideração a compreensão de cada crente inserido no corpo de Cristo local.

Inicialmente, é essencial delinear os significados atribuídos ao termo discipulado, tanto em sua manifestação direta quanto indireta na Bíblia. Isso implica uma análise cuidadosa dos ensinamentos e exemplos deixados por Jesus Cristo e seus discípulos, os quais servem como base para compreender a essência e a importância do discipulado na fé cristã. Nesse sentido, o discipulado é mais do que simplesmente transmitir conhecimento teórico; é um processo de formação integral que envolve ensino, exemplo e investimento pessoal na vida daqueles que estão sendo discipulados.

Além disso, é necessário defender a perspectiva de que cada membro da igreja local tem um papel ativo e significativo no discipulado. Isso implica um envolvimento pessoal e intencional com familiares, amigos, vizinhos e outras pessoas ao redor, demonstrando amor, cuidado e orientação no caminho da fé. É através desse engajamento que o discipulado se torna eficaz e transformador, impactando não apenas a vida daqueles que são discipulados, mas também a comunidade como um todo.

A intenção não é apenas teorizar sobre o discipulado, mas também oferecer insights práticos e orientações sobre como implementá-lo de forma eficaz em uma igreja em célula. Ao fazê-lo, pretende-se promover uma compreensão mais profunda do papel vital do discipulado na vida da igreja e na missão de espalhar o evangelho.

1. ORIGEM DA PALAVRA DISCIPULADO E SUAS VERTENTES

De onde vêm a ideia do discipulado como algo relevante para a Igreja de Cristo e, conseqüentemente, para a igreja local? O que seria o discipulado, o ser discípulo, discipulador e suas práticas no contexto de uma igreja em células? Essas e ainda muitas outras perguntas são norteadoras para que se descubra a função relevante do discipulado para uma igreja

contextualizada com as complexidades do mundo pós-moderno² e com os desafios vividos no viver igreja num mundo capitalista³ e agitado. Embora, cabe dizer que a prática do discipulado está presente na história da Igreja, configurando como uma ação real, não apenas um modismo.

Reconhecer a gênese do termo discipulado e sua aplicabilidade é uma maneira de constatar a sua relevância no desenvolvimento da fé cristã. Afinal, a prática discipular possibilita o crescimento em busca do conhecimento das Escrituras e da maturidade espiritual. Isso informa que o “discipulado não é automático, nem inerente à salvação”⁴, antes guarda relação com o crescimento e aperfeiçoamento da fé em Cristo. Moreira orienta que:

O discipulado bíblico principia na obediência ao Senhor. A instrução da Palavra de Deus aos seus servos está intrinsecamente relacionada à obediência. Jesus declarou: “Se vocês me amam, obedecerão aos meus mandamentos” (Jo 14.15). Dessa afirmação depreende-se que não é possível dissociar a obediência à Palavra da demonstração de amor ao Senhor. Fica claro que a obediência aos princípios e mandamentos das Escrituras Sagradas funciona como um firme fundamento no processo de discipulado.⁵

A partir do posicionamento de Moreira, compete dizer que não se pode pensar em discipulado distanciado da obediência ao Senhor Jesus. É a partir dela que se pode caminhar com segurança, dispondo-se ao serviço do Mestre. É por este motivo que antes de qualquer tentativa de conceituar o discipulado em sua prática, é imperativo destacar que a condição daquele que intitula a si mesmo como um cristão, é que seja um seguidor de Cristo, o que indica ser, fazer e agir tal qual o seu exemplo, na medida em que se torna uma evidência de ter como referência de vida, Cristo.

Ainda, cabe reiterar que “o discipulado é feito com pessoas que ainda não desenvolveram amplamente sua maturidade cristã (mesmo que já tenham um tempo relativamente grande de conversão”.⁶ Nesse entendimento, é necessário esclarecer que a

² “Considera-se ‘pós-moderna’ a incredulidade com relação aos metarrelatos. [...] A função narrativa perde seus atores, os grandes heróis, os grandes perigos, os grandes périplos e o grande objetivo. Ela se dispersa em nuvens de elementos de linguagem narrativos, mas também denotativos, prescritivos, descritivos etc., cada um veiculando consigo validades pragmáticas” (LYOTARD, Jean-François. **A condição pós-moderna**. 12.ed. Rio de Janeiro: Jose Olympio, 2009, p. 16).

³ O capital não é uma coisa, mas um processo em que o dinheiro é perpetuamente enviado em busca de mais dinheiro. Os capitalistas – aqueles que põem esse processo em movimento – assumem identidades muito diferentes. Os capitalistas financistas se preocupam em ganhar mais dinheiro emprestando a outras pessoas em troca de juros. Os capitalistas comerciantes compram barato e vendem caro. Os proprietários cobram aluguéis porque a terra e os imóveis que possuem são recursos escassos. Os rentistas ganham dinheiro com royalties e direitos de propriedade intelectual. Comerciantes de bens trocam títulos (por ações e participações, por exemplo), dívidas e contratos (incluindo seguros) por um lucro. Até mesmo o Estado pode atuar como um capitalista, por exemplo quando usa as receitas fiscais para investir em infraestruturas que estimulem o crescimento e gerem mais receitas em impostos (HARVEY, David. **O enigma do capital: e as crises do capitalismo**. São Paulo: Boitempo, 2011, p. 42).

⁴ SOARES, Marcos Senghi. **Discipulado em ação**: como conduzir pessoas à maturidade pelo acompanhamento individual. São Paulo: Alvo, 2015, p. 16.

⁵ MOREIRA, Lourival Viana. **Discipulado bíblico**: teológico e o valor da obediência: uma proposta de capacitação de discipuladores da igreja evangélica assembleia de Deus de Saquarema RJ. Curitiba: FABAPAR, 2022, p. 28. Dissertação (Mestrado em Teologia).

⁶ SOARES, 2015, p. 23.

identidade do discípulo se inicia com a sua conversão. A palavra discípulo é assim apresentada por Brandão:

Discípulo (“mathetes”, no grego) quer dizer aluno, aprendiz, aquele que aprende, que segue e se entrega ao ensino de alguém, aquele que se assenta aos pés de um mestre para aprender com ele. “Discípulo” era uma palavra usual nos tempos do Novo Testamento. Tanto que o termo não foi usado apenas para designar os seguidores de Jesus. Antes, há menção aos discípulos de João Batista (Mt 9.14), de Moisés (Jo 9.28) e, também dos fariseus (Mc 2.18). Jesus, também, começou seu ministério chamando discípulos para si, que o seguiram, tendo-o como mestre. Desde que “discípulo” era uma palavra de uso comum na cultura judaica, até Judas Iscariotes foi inicialmente contado entre os discípulos (Mt 10.2-4 e Lc 6.13-16).⁷

Diante disso é possível afirmar que o discipulado é a relação entre aluno e professor. Um entrega o ensino e o outro aprende com o que ensina. No Novo Testamento ele é mais claramente evidenciado, mas relações semelhantes se apresentam ao longo da Bíblia. Entretanto, o que se evidencia é que “fazer discípulos é um imperativo do qual não temos o direito de fugir. Não cumprimos a Grande Comissão enquanto não fizermos dos convertidos discípulos de Cristo Jesus”.⁸

Segundo Barth, o termo discipulado vem do grego *Akolouthein* e significa “ir após ou atrás de alguém”.⁹ O discípulo segue os passos de outro alguém por algum motivo que o atrai. Algo chama a atenção dele, alguma coisa se destaca e aguça o interesse daquele que nota este outro. Há algo relevante que pode ser destacado, que está em evidência. Devido às coisas que chamaram a atenção do discípulo, ele se aproxima do mestre. Através do processo de aproximação daquele que aprende com aquele que ensina, os comportamentos começam a ser muito parecidos, o discípulo busca ser, porque escolheu, como o seu mestre.

Ser discípulo de Jesus significa aprender com ele e, assim, à medida que o tempo vai passando, os discípulos de Jesus precisam se parecer com ele à medida que se relacionam com o seu Mestre. Para que isso aconteça é preciso esvaziar-se de si, exatamente como ele fez. Jesus mesmo diz em Lucas 9.23: “Jesus dizia a todos: Se alguém quiser vir após mim, negue-se a si mesmo, tome diariamente a sua cruz e siga-me”. O que é negar a si mesmo? É fazer o caminho que Cristo fez. É por escolha própria caminhar em direção a cruz por entender que este caminho glorifica ao Pai. O que é tomar a cruz? Pode ser a escolha diária de aceitar a humilhação em nome de Deus (Mt 5.11-12¹⁰). A cruz de Cristo nos ensina o caminho da cruz.

A cruz aludia ao horror e dureza. Os evangelistas modernos caem na armadilha de pintar o discipulado cristão como algo fácil e potencialmente provocativo de prosperidade terrena, como meio seguro de evitar-se os

⁷ BRANDÃO, Fernando. **Igreja multiplicadora: 5 Princípios bíblicos para crescimento**. Rio de Janeiro: Convicção, 2014, p. 56.

⁸ SOARES, 2015, p. 11.

⁹ BARTH, Karl. **Chamado ao discipulado**. São Paulo: Fonte Editorial, 2006, p. 13.

¹⁰ Bem-aventurados serão vocês quando, por minha causa, os insultarem, os perseguirem e, mentindo, disserem todo tipo de mal contra vocês. Alegrem-se e regozijem-se, porque grande é a sua recompensa nos céus, pois da mesma forma perseguiram os profetas que viveram antes de vocês.

problemas humanos comuns. Não é verdade! Diz o evangelho. Queres seguir a Jesus? Então o caminho a seguir é o caminho da cruz! Queres seguir a Jesus? Então entende que há um custo tremendo nisso envolvido – tua própria vida, diariamente e para sempre, a fim de que seu ser seja absorvido em Cristo, para que ele se torne ‘tudo para ti’, tal como, eventualmente, ele será ‘tudo para todos’ (Ef 1.23).¹¹

A vida do discípulo é a rotineira escolha pela mortificação de suas propensões terrenas. Seguir Jesus é negar a si mesmo, isso significa que aquele que o segue deve viver como ele vive, é uma diária tentativa de ser como Jesus em tudo o que se faz. Sobre isso, Morris declara que:

O seguidor de Jesus deve negar a si mesmo. Nada há de amor à boa vida em ser um cristão. [...] O seguidor de Cristo morreu para todo um modo de vida (cf 14.27). Lucas nos diz que esta não é uma coisa que pode ser acabada e removida do caminho: deve ser dia a dia. Logo, diz Jesus, siga-me.¹²

Seguir o exemplo de Cristo é muito mais do que uma mera imitação superficial de suas ações; trata-se de um compromisso profundo e transformador com seus ensinamentos e seu modo de vida. Isso implica em manter uma vida diferenciada, fundamentada nos princípios de amor, compaixão, justiça e perdão que Jesus exemplificou durante seu ministério terreno. Ao buscar a santidade, os seguidores de Cristo se esforçam para refletir sua imagem e semelhança, tornando-se agentes de transformação em um mundo marcado pelo pecado e pela injustiça.

Sobre agir como seguidor de Cristo, Tasker¹³ afirma que os discípulos são chamados a ser como um purificador moral onde os padrões morais são baixos, instáveis ou mesmo inexistentes. Discorda-se desse pensamento porque a vida cristã não passa apenas por questões morais, mas pela integralidade de vida do cristão. Prova disso é pensar nos fariseus do tempo de Jesus, o seu padrão moral era altíssimo, porém, Jesus os chama de sepulcros caiados conforme pode ser visto em Mateus 23.27: “Ai de vocês, mestres da lei e fariseus, hipócritas! Pois vocês são como sepulcros caiados: bonitos por fora, mas por dentro estão cheios de ossos e de todo tipo de imundícia”. Os fariseus apresentavam uma aparência piedosa e santificada, porém seus corações estavam distantes de Deus.

A metáfora de ser sal e luz utilizada por Jesus, expressa tal direção:

Vocês são o sal da terra. Mas, se o sal perder o seu sabor, como restaurá-lo? Não servirá para nada, exceto para ser jogado fora e pisado pelos homens. — Vocês são a luz do mundo. Não se pode esconder uma cidade construída sobre um monte. Ninguém acende uma lâmpada e a coloca debaixo de uma vasilha. Ao contrário, coloca-a no lugar apropriado e, assim, ilumina todos os que estão na casa. Da mesma forma, brilhe a luz de vocês diante dos homens, para que vejam as suas boas obras e glorifiquem a seu Pai, que está nos céus (Mt 5.13-16).

¹¹ CHAMPLIN, Russell Norman. **O Novo Testamento interpretado**: versículo por versículo. São Paulo: Candeia, 1995, vol. 2.

¹² MORRIS, Leon L. **Lucas**: introdução e comentário. São Paulo: Vida Nova, 2014, p. 161.

¹³ TASKER, R.V.G. **Mateus**: introdução e comentário. São Paulo: Vida Nova, 2014, p. 51.

Jesus, quando faz menção a ideia de que seus discípulos precisam ser sal e luz ressalta a importância de uma vida cristã autêntica e impactante. Assim como o sal preserva e dá sabor ao alimento, os seguidores de Cristo são chamados a preservar os valores do Reino de Deus e a trazer esperança e renovação para um mundo sedento por justiça e amor. Afinal, quando o sal perde sua salinidade, ocorre a sua inutilidade e finalidade maior. É nesse sentido que os discípulos de Cristo “podem e devem dar testemunho da fé que possuem através do exemplo pessoal”.¹⁴

Essa analogia entre os discípulos de Jesus e o sal que provoca sede naqueles que o consomem é profundamente significativa. Assim como o sal desperta a sede, os discípulos são chamados a despertar a busca espiritual naqueles ao seu redor, levando-os a ansiar pela verdade e pela vida abundante encontrada em Cristo, o que sinaliza para o desejo de crescer em amor e desenvolver-se no conhecimento da fé abraçada. Para que isso ocorra, é preciso que o seu “testemunho de fé se torne parte do seu estilo de vida”.¹⁵

Este desejo pode ser encontrado e associado ao encontro de Jesus com a mulher samaritana junto ao poço, registrado no Evangelho de João no capítulo 4. Nesse episódio, Jesus oferece à mulher a água viva, que sacia para sempre a sede espiritual daqueles que a recebem, o texto diz o seguinte: “aquele que beber dessa água jamais terá sede, e ainda jorrará dele água viva” (Jo 4.13-14). Essa verdade é muito profunda! Da mesma forma, os discípulos são encarregados de compartilhar essa mensagem de esperança e redenção com o mundo sedento por significado e propósito.

Assim como o sal que se dissolve na comida, os discípulos devem se envolver ativamente com as pessoas ao seu redor, compartilhando o amor e a verdade de Cristo de maneira tangível e relevante. E quando aqueles que são alcançados pela mensagem do evangelho buscam a fonte da vida eterna, os discípulos os conduzem a Jesus, o único que pode verdadeiramente satisfazer a sede espiritual e oferecer a água viva que jorra para a vida eterna e nesse propósito, a intenção é buscar “ser cada dia mais parecido com o seu Senhor e Salvador, Cristo Jesus”.¹⁶

Da mesma forma, assim como a luz dissipa as trevas, os cristãos são chamados a irradiar a luz da verdade e do amor de Deus em meio à escuridão espiritual e moral que permeia a sociedade. Sobre tal perspectiva, Tasker adverte que “os discípulos não devem esconder-se, mas viver e trabalhar em lugares onde sua influência seja sentida e a luz que neles haja seja mais plenamente manifesta a outros”.¹⁷ É com essa atitude que o discípulo glorifica a Deus e conduz outros ao seu conhecimento e adoração.

2. A INFLUÊNCIA DOS PRINCÍPIOS DE CRISTO NA VIDA DO DISCÍPULO

Viver conforme os princípios de Cristo não é uma tarefa fácil, nunca foi e nunca será, requerendo constante renúncia ao egoísmo e ao pecado, por meio de um compromisso diário

¹⁴ TASKER, 2014, p. 51.

¹⁵ SOARES, 2015, p. 33.

¹⁶ SOARES, 2015, p. 28.

¹⁷ TASKER, 2014, p. 51.

com a busca da vontade de Deus, que é sempre boa, perfeita e agradável (Rm 12.2). Nesse entendimento, o discípulo não busca seus interesses e nem favores (1Co 10.24), antes seu posicionamento reflete seu desejo de servir e adorar com inteireza ao Senhor. Por este motivo que se afirma que:

[...] um discípulo é alguém que crê em Jesus Cristo, expressa essa fé ao ser batizado e permanece em comunhão com os irmãos a fim de aprender as verdades da fé (At 2.41-47) e então ser capaz de ir e ensinar a outros. Esse era o padrão da Igreja do Novo Testamento (2Tm 2.1,2).¹⁸

O viver em Cristo, então, implica uma jornada de crescimento espiritual, marcada pela oração, pelo estudo da Palavra de Deus, pela comunhão com outros discípulos de Jesus (Rm 12.18-19), e pela busca de viver em paz com todas as pessoas, sejam elas professantes da mesma fé.

Se possível, naquilo que depender de vocês, vivam em paz com todos os homens. Amados, nunca procurem vingar-se, mas deixem com Deus a ira, pois está escrito: “Minha é a vingança; eu retribuirei”, diz o Senhor.¹⁹ Busquem a paz com todos e a santificação, sem a qual ninguém verá o Senhor. Tomem cuidado para que ninguém se afaste da graça de Deus e para que nenhuma raiz de amargura, ao brotar, cause perturbação e contamine muitos (Hb 12.14-15)

Esse processo evidencia que sem preservar e permanecer nas constantes disciplinas espirituais²⁰ de busca a Deus, o cristão não tem de onde tirar referência do seu viver. Essas disciplinas espirituais vão muito além de práticas como oração, meditação bíblica, jejum, evangelismo e tantas outras, elas dizem respeito uma vida parecida com Jesus sendo cultivada. É agir como Cristo por causa do Cristo. É acolher as pessoas como Jesus acolheu, alimentar como Cristo alimentou, é ser um retrato do Mestre Jesus.

É diante de uma busca constante sobre as Escrituras, por exemplo, que há alimento suficiente para que possa influenciar ativamente na vida do cristão e, conseqüentemente, nos que estão à sua volta. É através desse processo de santificação que os seguidores de Cristo se tornam mais semelhantes a Jesus e mais eficazes em seu testemunho e serviço no mundo.

Seguir o exemplo de Cristo não se resume a palavras ou rituais religiosos, mas é uma chamada para uma vida de radicalidade, amor e compromisso com os valores do Reino de Deus. É através dessa vida transformada que os crentes podem verdadeiramente ser sal e luz em um mundo que tanto necessita da graça e do amor redentor de Jesus Cristo.

¹⁸ WIERSBE, Warren W. **Novo Testamento I: comentário bíblico expositivo**. Santo André: Geográfica, 2006, p. 140.

¹⁹ Romanos 12.18-19.

²⁰ As disciplinas clássicas da vida espiritual convidam-nos a passar no viver na superfície para o viver nas profundezas. Elas nos chamam para explorar os recônditos interiores do reino espiritual. Instam conosco a que sejamos a resposta a um mundo vazio. John Woolman aconselhou: “É bom que vos aprofundeis, para que possais sentir e entender os sentimentos das pessoas”. E ainda: “Na intenção de Deus, as Disciplinas da vida espiritual são para seres humanos comuns: pessoas que têm empregos, que cuidam dos filhos, que lavam pratos e cortam grama”. É possível destacar que “o objetivo das Disciplinas é o livramento da sufocante escravidão ao auto interesse e ao medo” (FOSTER, Richard J. **Celebração da disciplina: o caminho do crescimento espiritual**. São Paulo: Vida, 1983, p. 4).

O verdadeiro discípulo de Jesus é alguém que foi escolhido por Deus, para ser dele. O discípulo é alguém que foi enviado com a missão de frutificar e com o privilégio de ter as suas orações respondidas. O discípulo nunca desiste do seu chamado e jamais renuncia o seu relacionamento pessoal com Jesus. Discipulado significa deixar tudo para seguir a Jesus.²¹

A frutificação é uma condição do discípulo de Jesus. “O meu Pai é glorificado pelo fato de vocês darem muito fruto; e assim serão meus discípulos” (Jo 15.8). É quando o discípulo cumpre o seu papel de ser um discipulador contribuindo para na formação de novos discípulos Deus é glorificado, ou seja, isso é adoração àquele que é o único digno de recebê-la.

A partir do senso de propósito que a frutificação gera, tudo se transforma, as decisões tomadas são completamente afetadas por sua escolha de seguir a Jesus Cristo. A rotina de vida passa a ser com a intencionalidade de ser como Jesus deseja que o cristão seja. Isso significa que agora, o discípulo de Jesus, leva uma vida em santificação constante.

Sobre a verdade da busca pela santidade, Stott esclarece que “não devemos preservar nossa santidade fugindo do mundo, nem sacrificá-la nos conformando a ele”²², o chamamento do cristão é para ser encontrado destacado no mundo pelo seu estilo de vida transformado.

Como seria possível transformar o mundo com a mensagem do evangelho salvador de Jesus Cristo, se todos os cristãos do mundo se isolarem numa bolha religiosa em que somente os seus pares poderiam fazer parte? Isso seria como buscar estragar o sal que o crente é; e ainda apagar a luz que o cristão deveria fazer brilhar. Para o cristão não há essa possibilidade, porque “se afirmamos ser cristãos, devemos ser como Cristo”.²³ Esta é a verdade fundamental do cristianismo porque:

Aqueles que escolhem seguir Cristo chegarão invariavelmente à conclusão de que não há nada mais importante do que alcançar pessoas. E, quando perceberem isso, seus valores mudarão para sempre. Serão tomados pela percepção de que as outras atividades terrenas empalidecem em comparação com ajudar um homem, uma mulher, um menino ou uma menina a ter um relacionamento salvífico, libertador e transformador com o Deus do Universo.²⁴

Essa verdade deve ser avassaladora na vida daquele que se torna seguidor de Jesus Cristo, um discípulo. A partir disso, é possível dizer que a prática discipular requer o desenvolvimento relacional e próximo de discípulo e discipulador, os quais estão envolvidos em um processo contínuo de ensino e aprendizagem. Esse processo recai sobre o crescimento e o desenvolvimento da vida cristã, a partir da apropriação do conhecimento sobre a mensagem do evangelho.

A mensagem do evangelho de Jesus precisa ser pregada a todo o custo, a todas as pessoas, porém isso exige dos seguidores que mantenham uma consciência transformada conforme pode ser visto em Romanos 12.2, que diz: “Não se amoldem ao padrão deste

²¹ CASIMIRO, A. D.; LALLI, P. **Rede de Discipulado**. Bookwire: Z3, 2020, p. 11.

²² STOTT, John W. R. **O discípulo radical**. Viçosa: Ultimato, 2011, p. 13.

²³ STOTT, 2011, p. 26.

²⁴ HYBELS, Bill; MITTELBERG, Mark. **Cristão Contagante**. 2.ed. São Paulo: Vida, 2012, p. 267.

mundo, mas transformem-se pela renovação da sua mente, para que vocês experimentem a boa, agradável e perfeita vontade de Deus”.

Nesse sentido, os discípulos são “exortados a deixar que a renovação das suas mentes, pelo poder do Espírito, transforme suas vidas harmonizando-as com a vontade de Deus”.²⁵ Isso sinaliza para o propósito da vida a ser buscado incessantemente por cada discípulo. Com a renovação da mente o discípulo passa a conhecer a Deus e fazê-lo conhecido daqueles que passam por ele.

Sobre essa verdade do discipulado, Soares diz que “líderes que querem ver a formação de uma geração de novos líderes precisam estar dispostos a seguir o processo de discipulado”.²⁶ Afinal, líderes preocupados somente com o seu bem-estar e apenas com o presente estão fadados ao insucesso diante de Deus, mesmo que socialmente sejam aplaudidos, seguidos por multidões, o sucesso terreno não dita o sucesso no Reino de Deus, até porque, segundo Jesus, no dia do julgamento, muitos dirão que fizeram inúmeras coisas em nome de Jesus, mas ele dirá a estes que nunca os conheceu (Mt 7.22-23). Esses líderes não formam sucessores, mas súditos, ou seja, tudo o que trabalhou durante a vida acabará quando ele acabar.

Líderes que centralizam tudo em si e vivem apenas para si mesmos, provavelmente estão vivendo para a manutenção de uma religião e não de uma evangelização mundial daqueles que estão desesperados por vida. Por fim, líderes que não são intencionais na condução de novas gerações ao discipulado são líderes de um reinado que não é eterno. É importante reconhecer que a formação discipular, inclusive, visa respeitar os processos do discipulado. E esse processo requer:

Multiplicação: animar aos que têm ensinado, que ensinem a outros. Relacionamentos significativos: desenvolver uma confiança profunda que supõe retida e desejo de mudar vidas; Confronto amistoso: dizer a verdade com amor para aquele que não está vivendo de forma adequada. Apropriação da mensagem bíblica: cobrir os temas das Escrituras de forma sequencial, para obter um quadro completo da vida cristã. Disciplinas espirituais: praticar os hábitos que conduzem a intimidade com Deus e ao serviço aos outros.²⁷ (tradução nossa)

Multiplicação, relacionamentos significativos, confronto amistoso, apropriação da mensagem bíblica e disciplinas espirituais fazem parte de uma proposta processual de discipulado que se for trilhada pode trazer muitos benefícios àqueles que desejam formar novos discípulos em cumprimento do mandamento de Jesus. Ressalta-se, ainda, que “o discipulado também deve compreender o ensino vivencial dos valores do reino de Deus. É por

²⁵ BRUCE, F. F. **Romanos**: introdução e comentário. São Paulo: Vida Nova, 2014, p. 182.

²⁶ SOARES, Marcos Senghi. **Discipulado em ação**: como conduzir pessoas à maturidade pelo acompanhamento individual. São Paulo: Alvo, 2015, p. 26.

²⁷ “Multiplicación: animar a los que has enseñado a que enseñen a otros. Relaciones íntimas: desarrollar una confianza profunda que supone un reto y logra cambiar vidas. Confrontación amistosa: decir la verdad con amor si alguien no está viviendo de forma adecuada. Incorporación del mensaje bíblico: cubrir los temas de las Escrituras de forma secuencial para obtener un cuadro completo de la vida cristiana. Disciplinas espirituales: practicar los hábitos que llevan a la intimidad con Dios y al servicio a los demás” (OGDEN, G. J. **Discipulado que transforma**: el modelo de Jesús. Barcelona: CLIE, 2006, p.122)

isso que os pequenos grupos são essenciais, pois potencializam as oportunidades desses relacionamentos intencionais”.²⁸

Mesmo que a origem da palavra discipulado não possa ser determinada com absoluta precisão há muita discussão em torno da conceituação da origem. Porém, é possível conjecturar, por meio da inferência, de que ela, a origem da palavra discipulado, se dá a partir da relação entre aquele que ensina e o que aprende. Isso pode ser refletido porque:

Os homens dependem uns dos outros, e suas vidas, de muitas maneiras, se moldam umas pelas outras. Às vezes é através de um relacionamento casual, um companheiro interessado, ou um dependente. Pode se tratar, porém, do relacionamento mais duradouro de um aluno ou discípulo para com seu mestre ou professor. No NT, as palavras que se vinculam com o discipulado se aplicam mormente aos seguidores de Jesus e descrevem a vida da fé.²⁹

Compete compreender a relevância da visão relacional na prática do discipulado. Ela pode ser considerada como a chave mestra que orientará o processo formativo a ser desenvolvido, isso porque é a partir do encontro com o outro que se pode testemunhar da fé e da ação de Deus em diferentes áreas da vida. Por esta razão, é possível afirmar que aquele que ensina torna-se o discipulador ou mestre e o que aprende, o discípulo. O que também é possível afirmar com certo grau de certeza, é que o discipulado envolve proximidade, isto é, relacionamento.

3. O RELACIONAMENTO ENTRE DISCIPULADOR E DISCÍPULO COMO CHAVE DO DISCIPULADO

Inicia-se a discussão reiterando que não existe discipulado sem relacionamento. O discipulado sempre implica em investimento de tempo, recursos, tanto para o que é o discipulador quanto para o discípulo, isso precisa acontecer com toda a intencionalidade para que haja a formação de uma nova perspectiva de vida.

O relacionamento é a chave mestra do discipulado bíblico. Ele, sim, pode ser considerado o fator que nutre a construção de parâmetros norteadores para o seu desenvolvimento. Jesus relacionava-se intencionalmente com as pessoas. As mais diferentes e improváveis³⁰, com o intuito de fazê-las um potencial nas mãos de Deus para formar outros discípulos. Como diz Marcos:

Ele lhes disse: — Vão pelo mundo todo e puguem o evangelho a todas as pessoas. Quem crer e for batizado será salvo, mas quem não crer será condenado. Estes sinais acompanharão os que crerem: em meu nome

²⁸ FREITAS, Fabrício. **De volta aos princípios**: vivendo o jeito bíblico de ser igreja. Rio de Janeiro: Convicção, 2015, p. 19.

²⁹ BROWN, Colin; COENEN, Lothar (org.). **Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento**. 2.ed. São Paulo: Vida Nova, 2000, p. 578.

³⁰ Aproximavam-se de Jesus todos os publicanos e pecadores para o ouvir. E murmuravam os fariseus e os escribas, dizendo: Este recebe pecadores e come com eles. Então, Ihes propôs Jesus esta parábola: Qual, dentre vós, é o homem que, possuindo cem ovelhas e perdendo uma delas, não deixa no deserto as noventa e nove e vai em busca da que se perdeu, até encontrá-la? (Lc 15.1-4). Pois o Filho do homem veio buscar e salvar o que estava perdido (Lc 19.10).

expulsarão demônios; falarão novas línguas; pegarão em serpentes; se beberem algum veneno mortal, não lhes fará mal nenhum; imporão as mãos nos doentes, e estes ficarão curados (Mc 16.15-18).

Jesus veio ao mundo para salvar as pessoas através de sua morte redimidora e sua ressurreição. Porém, antes de morrer e ressuscitar, ele treinou os seus discípulos para que continuassem a propagar as boas novas do Reino de Deus na terra, dessa forma, outras pessoas também alcançariam o que eles alcançaram. Ao subir aos céus, deixou este mandamento narrado no Evangelho de Marcos e ainda, empoderou seus discípulos, inclusive aqueles que criam nele, para que pudessem fazer novos discípulos.

Concorda-se com Farias, quando esclarece que “o processo de discipulado de Jesus não era totalmente estruturado. Ele era orgânico. Orgânico não significa que era sem objetivos claros nem totalmente sem estrutura. Quer dizer que não era engessado a ponto de dispor o processo numa sequência de informações”. Essa peculiaridade evidencia que tanto o processo como a prática precisam ser efetivadas diante das vivências, aprendizagens, desafios que envolvem o ato formativo de fazer discípulos.³¹

Jesus se relacionou com os seus discípulos para enviá-los a fazerem outros, e porque eles entenderam o sentido do Reino de Deus e de seu papel na Terra, hoje o evangelho tem sido pregado por todo mundo. Para Beliles, fazer discípulos é “ensinar ao homem como aplicar a verdade revelada de Jesus Cristo a cada área de sua vida”.³² O que implica conhecimento, relacionamento, senso de missão e propósito em obedecer e viver segundo a vontade de Deus.

Pode-se afirmar que, a prática discipular envolve “viver de acordo com a cultura do Reino de Deus e para pensar com a mente de Cristo”.³³ Com certeza, Jesus foi o maior exemplo de discipulador. Ele viveu o seu ministério terreno dedicado a ensinar os seus seguidores, ele se empenhou e investiu nisso durante o seu ministério fazendo a vontade do Pai, variando seu ensino entre teoria e prática, para que os seus discípulos fossem como ele, fazendo o que ele faria, como ele mesmo diz em João 13.15: “Eu dei o exemplo, para que, como eu fiz, também o façam”. Sobre o discipulado de Jesus, Bonhoeffer diz:

Quando as Escrituras tratam do discipulado de Jesus, proclamam a libertação do ser humano de todos os preceitos humanos, de tudo que o oprime, de tudo que o sobrecarrega, de tudo que lhe suscita preocupação e dor na consciência. No discipulado, o ser humano deixa o duro jugo de suas próprias leis e vai para o jugo suave de Jesus Cristo.³⁴

Este é o discipulado de Jesus Cristo. O discipulado de Jesus liberta, alivia, traz vida diferenciada. Uma vida transformada pela perspectiva da eternidade instalada pela própria ação do Espírito Santo na vida daquele que se reconhece seguidor de Jesus, um discípulo. A

³¹ FARIA, Thiago. **A igreja que faz discípulos**: construa um modelo de discipulado que você sonha para a sua igreja. São Paulo: Vida, 2022, p. 29.

³² BELILES, Mark. **A estratégia de Cristo para o discipulado das nações**: as melhores práticas bíblicas para transformar todas as áreas da cultura. Curitiba: Transforma, 2023, p. 11.

³³ YOUMANS, Elizabeth L.; THRIFT, Jill C.; ALLEN, Scott D. **Família, fundamento de uma nação**: princípios e práticas para a construção de famílias sadias. Curitiba: Transforma, 2019, p. 14.

³⁴ BONHOEFFER, Dietrich. **Discipulado**. São Paulo: Mundo Cristão, 2016, p. 13.

vida passa a ter agora um outro prisma. A leveza impera, mesmo em meios aos mais astronômicos problemas. Jesus mesmo convida as pessoas para essa vida nova e leve, quando diz:

Venham a mim todos os que estão cansados e sobrecarregados, e eu darei descanso a vocês. Tomem sobre vocês o meu jugo e aprendam de mim, porque sou manso e humilde de coração, e vocês encontrarão descanso para a alma. Pois o meu jugo é suave, e o meu fardo é leve (Mt 11.29-30).

O cristão transformado pela verdade do evangelho entende o quão irresistível é a paz de viver com Jesus, por isso, faz de tudo para levar outros à mesma verdade que ele encontrou e o faz tão bem. É nesse sentido que, o discipulado “é feito com pessoas que ainda não desenvolveram amplamente sua maturidade cristã”³⁵, a qual é um processo a ser perseguido com paz e leveza de mente e coração

Afinal, é verdadeiro ao afirmar que a boa notícia do evangelho é suave e leve! A paz, definitivamente, excede todo o entendimento como diz o apóstolo Paulo em sua carta aos Filipenses 4.7: “Então, a paz de Deus, que excede todo o entendimento, guardará o coração e os pensamentos de vocês em Cristo Jesus”.

Willard falando sobre o que causa a presença de Jesus na vida do discípulo afirma que “o efeito externo dessa vida em Cristo é uma revolução moral perene, até que o propósito da humanidade na terra tenha se cumprido”.³⁶ Isso só pode ser exercido pelo crente se ele mesmo assume a sua responsabilidade na Grande Comissão deixada por Jesus, como é possível assumir a partir de suas palavras registradas no evangelho de Mateus, que dizem:

Então, Jesus se aproximou deles e lhes disse: — Toda a autoridade me foi dada nos céus e na terra. Portanto, vão e façam discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo, ensinando-os a obedecer a tudo o que eu ordenei a vocês. E eu estarei sempre com vocês, até o fim dos tempos (Mt 28.18-20).

A grande ordem de Jesus aos seus discípulos é que não assumam que a bênção de desfrutar de tamanha paz é para ficar parada neles, mas que os seus seguidores assumam o papel de protagonistas de proclamação daquilo que aprenderam com o seu exemplo em fazer discípulos de todo lugar, de qualquer língua, batizando-os e ensinando-os a obedecer a Deus em tudo o que fazem, a partir do exemplo que dão.

O mandato de Jesus efetivado na “Grande Comissão” e registrado no evangelho de Mateus não é opcional, mas deve ser o trilha pelo qual o cristão pauta a sua própria vida, o que se torna imperativa a ordem de fazer discípulos, mas para isso é preciso dispor-se diante da missão confiada. Fazer discípulos implica manter vínculos e proximidade com o outro. Esse, portanto, é o papel a ser assumido no discipulado.

³⁵ SOARES, 2015, p. 23.

³⁶ WILLARD, Dallas. **A grande omissão**: as dramáticas consequências de ser cristão sem se tornar discípulo. São Paulo: Mundo Cristão, 2008.

4. O PAPEL DO DISCIPULADO NOS RELACIONAMENTOS: DISCÍPULOS QUE GERAM OUTROS DISCÍPULOS

Certamente há quem diga, por conta das afetações e distorções religiosas históricas, que o discipulado seja algo secundário ao longo da história, em que o cristão é genuinamente alguém que segue Jesus pelo fato de aceitar a Cristo como o seu salvador e isso já o torna tudo o que ele precisa ser, sem, contudo, fazer de sua vida um exemplo para o mundo terreno que não conhece e sabe sobre Jesus. Por isso não é possível conceber o ser discípulo, sem que se faça discípulos. Uma ação conduz ao resultado, ou seja, a finalidade do discipulado.

Historicamente parece que houve uma separação do discipulado com a vida natural do cristão. Willard é categórico ao dizer que “No que se refere às instituições cristãs de nosso tempo, o discipulado é inequivocamente opcional”.³⁷ Isso é aterrorizante de se constatar! Ele faz um alerta a cada crente dizendo:

A vida eterna da qual fluem vários efeitos profundos e gloriosos é um relacionamento interativo com Deus e com seu Filho, Jesus, na habitação interior do Espírito Santo. A vida eterna é a caminhada do reino, na qual, em unidade perfeitamente coesa, “[praticamos] a justiça, [amamos] a fidelidade e [andamos] humildemente com o [nosso] Deus” (Mq 6.8). Aprendemos a andar desse modo pelo aprendizado com Jesus. Sua escolha nunca entra em férias.³⁸

O discipulado nunca foi uma opção deixada por Jesus, mas sim um comissionamento. A “Grande Comissão” não é, como podem imaginar alguns, uma grande opção. Jesus chama seus seguidores, discípulos, a fazerem novos discípulos. Ele não os chama para fazerem membros de igreja ou crentes bem-intencionados que trabalham bem em seus ministérios locais. O chamado é pessoal para cada crente revolucionar o mundo assim como os primeiros discípulos de Jesus o fizeram pela verdade latente em seus corações e pelo Espírito Santo.

O comissionamento ao discipulado veio por meio de Jesus e como ele mandou que cada crente o fizesse, ele mesmo deixou o seu próprio exemplo, para que assim, seja possível aprender com ele como fazer discípulos. Jesus chamou seus discípulos para que o pudessem seguir e ser como ele. A partir disso, tudo o que ele fazia os seus discípulos estavam por perto vendo, ouvindo, sentindo, percebendo, aprendendo através de uma caminhada de relacionamento contínuo.

Jesus mostrou que o discipulado acontece a partir do relacionamento intencional com alguém, nesse relacionamento se deseja uma troca de conhecimento ou sabedoria. Há implicação de vida na vida. Há investimento e dedicação ao outro. Existe uma intencionalidade na ação e que está associada ao fazer discípulos. O discipulado não acontece ao acaso, não acontece despreziosamente, mas com tamanho esforço e dedicação na vida do outro, o que gera negação da vida do discipulador. Por essa razão, é preciso ter “consciência da

³⁷ WILLARD, 2008, p. 18.

³⁸ WILLARD, 2008, p. 18.

importância de acompanhar, orientar, desenvolver, ensinar, apoiar, incentivar, conviver e ser referência”.³⁹

Não é possível fazer discípulos sem, contudo, desejar viver, se expor, se implicar, na vida de alguém. O discipulado não é teórico, mas prático. Não acontece num dia da semana, vive-se o discipulado, o mestre e o discípulo constantemente através de suas interações de vida. Parece que as enxurradas históricas buscaram esconder ou mesmo substituir o plano de Jesus aos seus seguidores espalhados pelo mundo. Willard diz que:

Essa abordagem ressalta duas omissões à Grande Comissão. Em primeiro lugar, omitimos a tarefa de fazer discípulos e levar as pessoas a serem aprendizes de Cristo quando, na verdade, essa é a prioridade. Em segundo lugar, omitimos, por necessidade, o passo de acompanhar nossos convertidos num treinamento que os levará, cada vez mais, a fazer o que Jesus ordenou.⁴⁰

Que verdade profunda esta! Parece que a institucionalização da igreja afastou os discípulos do discipulado, de viverem a igreja, Corpo de Cristo. Os cristãos institucionalizados se esqueceram, por demasiada acomodação ou por consciente rebeldia, de cumprir o mandamento de Jesus de fazer discípulos porque o preço é alto demais.

De fato, o preço do discipulado é alto. Requer tomar a cada dia a cruz e seguir Jesus como ele diz em Lucas 9.23: “Jesus dizia a todos: Se alguém quiser vir após mim, negue-se a si mesmo, tome diariamente a sua cruz e siga-me”. É escolher esvaziar-se de si mesmo, como o Mestre Jesus fez ao escolher tomar a forma de servo, conforme Filipenses:

Seja o modo de pensar de vocês o mesmo de Cristo Jesus, que, apesar de ser Deus, não considerou que a sua igualdade com Deus era algo que deveria ser usado como vantagem; antes, esvaziou a si mesmo, assumindo a forma de servo, tornando-se semelhante aos homens. Sendo encontrado em figura humana, humilhou-se e foi obediente até a morte, e morte de cruz! Por isso, Deus o exaltou à mais alta posição e lhe deu o nome que está acima de todo nome, para que ao nome de Jesus todo joelho se dobre nos céus, na terra e debaixo da terra, e toda língua confesse que Jesus Cristo é o Senhor, para a glória de Deus Pai (Fp 2.5-11).

A vida do discípulo de Jesus precisa ser como a do seu mestre, por isso, nem por acomodação nem rebeldia o discípulo tem a opção de não cumprir a Grande Comissão que exige dele a completa negação do seu egoísmo de arrogância. Jesus, o Deus que se fez homem, esvaziou a si mesmo para ser servo daqueles que o rejeitaram, o matariam e humilharam. Como seria possível um discípulo de Jesus achar que merece algo diferente dessa realidade que o seu mestre viveu por amor? O discípulo ama e trabalha como o seu mestre Jesus. Sobre isso, Bonhoeffer disse:

O que sabemos sobre o conteúdo do discipulado? “Segue-me! Vinde após mim!” Isso é tudo. Segui-lo parece algo sem conteúdo. Não é algo que de fato pode ser visto como programa de vida cuja realização faça sentido. Não é, igualmente, um objetivo ou um ideal a ser alcançado. Para os padrões

³⁹ SOARES, 2017, p. 24.

⁴⁰ WILLARD, 2008, p.19.

humanos, não é algo que mereça sacrifício ou pela qual valha a pena investir a vida. E o que ocorre? O indivíduo que foi chamado deixa para trás tudo o que possui não com o intuito de fazer algo especial, mas simplesmente por causa do chamado de Jesus, pois outro modo não pode seguir seus passos.⁴¹

O preço é alto. É o abandono do reinado das vontades individuais egoístas. O discipulado requer amar outro, mesmo quando o discípulo tem suas questões complexas emocionais fragilizadas e não consegue ser tudo aquilo que desejaria, sua atitude é movida pela fé que já encontrou a sua identidade de filho nos braços do Pai. A partir de sua fé em Cristo Jesus, o discípulo considera ser acolhido pelo Pai, sua identidade agora é de filho, não é outra coisa além de filho do Deus altíssimo, isso o fortalece e o capacita a pagar o preço do ser negar a si mesmo por amor a Jesus e àqueles que ele amou. O alvo é ter pessoas parecidas com Cristo Jesus.⁴²

É por tal motivo, que a ação do discípulo enseja que olhe com os olhos do próprio Deus que enviou o seu Filho para morrer por amor. Requer, ainda, a presença e materialização do amor bíblico, não aquele encenado e ensinado nos filmes, livros e novelas. Antes, se fundamenta na atitude empática, a qual aprende a se colocar no lugar do outro, como também estar disposto a dar a outra face quando traído. Significa, nunca desistir daquele que Jesus deu à sua própria vida, mesmo sabendo que muitos não o reconheceriam como aquele que se sacrificou por amor. Sobre esse preço requerido pelo discipulado, Willard disse:

O discípulo tem em seu coração um desejo e uma decisão ou firme intenção. Depois de entender um pouco melhor o que isso significa e, portanto, ter “[calculado] o preço” (Lc 14.28), o discípulo de Cristo deseja, acima de tudo, ser como ele. Assim, “basta ao discípulo ser como o seu mestre” (Mt 10.25). Além disso, “todo aquele que for bem-preparado será como o seu mestre” (Lc 6.40).⁴³

Pareceria natural ao crente desejar relacionamentos como o de Jesus para que outros sejam como ele. Porém, nem todo aquele que se intitula discípulo o é e está disposto a pagar tamanho preço, o de dar a sua vida pelos outros, como Jesus fez e como os seus primeiros discípulos o fizeram. Parece na mente do cristão atual o discipulado deixou de ser alguma coisa que precise ser perseguido como alvo e missão, parece haver um adormecimento dessa verdade imperativa na vida cristã.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após o desenvolvimento dos argumentos, fica uma reflexão: é possível dizer que os cristãos que não estão cumprindo a Grande Comissão sentem falta de formar discípulos? Talvez essa resposta não seja encontrada com facilidade, porém, fato é, que não é possível conceber alguém que seja verdadeiramente cristão sem que este faça discípulos.

O discipulado tem tudo a ver com o comprometimento do discípulo com Jesus, porque como Cristo é real o discipulado precisa ser. É triste e chega a ser lamentável constatar quantas

⁴¹ BONHOEFFER, 2016, p. 33.

⁴² SOARES, 2015, p. 33.

⁴³ WILLARD, 2008, p. 20.

peessoas que se dizem cristãs nunca fizeram um discípulo se quer, nunca se comprometeram com a Grande Comissão, nunca choraram pelos perdidos e afastados do amor de Deus.

A falta de comprometimento com os preços requeridos pelo discipulado traz amargas consequências para a humanidade ao longo da história. Os que estão ao lado dos chamados discípulos silentes podem dizer o quanto custa para eles não encontrarem a paz que a Bíblia descreve.

A falta de discipulado está custando a vida de tantas pessoas que Jesus amou e morreu. Os seguidores de Jesus adormecidos e silentes são responsáveis pela falta de paz no mundo porque ainda não estão completamente comprometidos com o fazer discípulos de toda língua, povo e nação. O chamado é urgente e não pode mais esperar!

A igreja não pode correr o risco de se comportar como uma Organização não governamental (ONG), porque ela não é. Toda pessoa que se diz ser discípula de Jesus Cristo, amando-o, deve obedecê-lo em seus mandamentos, como diz João 14.15: “Se vocês me amam, obedecerão aos meus mandamentos”. Sem obediência aos mandamentos de Jesus, não há seguidores do seu evangelho, tampouco discipulado. Então aquele que ama a Jesus obedece a “Grande Comissão”, deixada como a única condição de vida em obediência ao seu Mestre Jesus, uma vez que declarou a ele amor e entrega absoluta.

Esse tipo de comprometimento com Jesus, sua Palavra e seus ensinamentos, só é possível se houver um relacionamento intencional entre discípulo e o seu discipulador com o objetivo de ensinar um novo na fé os caminhos do discipulado, é um maduro ensinado um neófito na fé. O preço é altíssimo, mas o gozo de ver o seu irmão crescendo em Deus é indizível.

REFERÊNCIAS

BARTH, Karl. **Chamado ao discipulado**. São Paulo: Fonte Editorial, 2006.

BELILES, Mark. **A estratégia de Cristo para o discipulado das nações**: as melhores práticas bíblicas para transformar todas as áreas da cultura. Curitiba: Transforma, 2023.

BONHOEFFER, Dietrich. **Discipulado**. São Paulo: Mundo Cristão, 2016.

BRANDÃO, Fernando. **Igreja multiplicadora**: 5 princípios bíblicos para crescimento. Rio de Janeiro: Convicção, 2014.

BROWN, Colin; COENEN, Lothar (org.). **Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento**. 2.ed. São Paulo: Vida Nova, 2000.

BRUCE, F. F. **Romanos**: introdução e comentário. São Paulo: Vida Nova, 2014.

CASIMIRO, A. D.; LALLI, P. **Rede de Discipulado**. Bookwire: Z3, 2020.

CHAMPLIN, Russell Norman. **O Novo Testamento interpretado**: versículo por versículo. São Paulo: Candeia, 1995. Vol. 2.

FARIA, Thiago. **A igreja que faz discípulos**: construa um modelo de discipulado que você sonha para a sua igreja. São Paulo: Vida, 2022.

FOSTER, Richard J. **Celebração da disciplina**: o caminho do crescimento espiritual. São Paulo: Vida, 1983.

FREITAS, Fabrício. **De volta aos princípios**: vivendo o jeito bíblico de ser igreja. Rio de Janeiro: Convicção, 2015.

HYBELS, Bill; MITTELBERG, Mark. **Cristão Contagante**. 2.ed. São Paulo: Vida, 2012.

LYOTARD, Jean-François. **A condição pós-moderna**. 12.ed. Rio de Janeiro: Jose Olympio, 2009.

MOREIRA, Lourival Viana. **Discipulado bíblico-teológico e o valor da obediência**: uma proposta de capacitação de discipuladores da igreja evangélica assembleia de Deus de Saquarema RJ. Curitiba: FABAPAR, 2022. Dissertação (Mestrado em Teologia).

MORRIS, Leon L. **Lucas**: introdução e comentário. São Paulo: Vida Nova, 2014.

OGDEN, G. J. **Discipulado que transforma**: el modelo de Jesús. Barcelona: CLIE, 2006.

SOARES, Marcos Senghi. **Discipulado em ação**: como conduzir pessoas à maturidade pelo acompanhamento individual. São Paulo: Alvo, 2015.

STOTT, John W. R. **O discípulo radical**. Viçosa: Ultimato, 2011.

TASKER, R. V. G. **Mateus**: introdução e comentário. São Paulo: Vida Nova, 2014.

WIERSBE, Warren W. **Novo Testamento I: comentário bíblico expositivo**. Santo André: Geográfica, 2006.

WILLARD, Dallas. **A grande omissão**: as dramáticas consequências de ser cristão sem se tornar discípulo. São Paulo: Mundo Cristão, 2008.

YOUNG, Elizabeth L.; THRIFT, Jill C.; ALLEN, Scott D. **Família, fundamento de uma nação**: princípios e práticas para a construção de famílias sadias. Curitiba: Transforma, 2019.